

UMA
ANDORINHA
NO
TELHADO

•

LUCIEN DESCAVES



UMA ESCOLTA DE REFUGIADOS

A 23 de Dezembro de 1914, Palmyre Boussuge e a sua ex-amiga Agathe Chévremont, mulher do veterinário, encontravam-se entre as senhoras notáveis de Bourg-en-Thimerais, também conhecida como Bourg-en-Forêt, convocadas pelo presidente da Câmara, o doutor Chazey, para receber um comboio de refugiados da região de Aisne, expulsos pela invasão.

Estes chegaram à noite, enregelados, extenuados, empoeirados, com duas horas de atraso.

A escolta compunha-se de uma dúzia de velhotes atónitos e deslocados em todos os sentidos, rodeados de mães e crianças que o fluxo tinha arrastado consigo. Ao todo, cem pessoas fugiam da tempestade e rodopiavam como folhas mortas ao sabor das rajadas de vento.

Estes errantes tinham dormido no dia anterior em Paris, num circo situado na margem esquerda do Sena, transformado em asilo de dia e noite. Ainda tinham pedaços de palha das camas. Os mais pequenitos, de dedo na boca e olhos em baixo, escondiam-se amedrontados nas saias das mulheres, os outros ajudavam a carregar fardos de pertences e coisas sem nome recolhidas à última da hora, sem tempo para uma escolha prévia. Dir-se-ia que nos apegamos mais a coisas que

não têm valor e tememos perder. Quem se apega a ninharias é mais possuído por elas do que, na realidade, as possui. Uma garotinha de oito anos arrastava consigo uma gaiola com um pardal a saltitar assustado, outra apertava nos braços um guarda-chuva de tecido de algodão verde do dobro do seu tamanho. Um casal grisalho e a cambalear tinha como ligação um cesto amplo, preto e com tampa, e cada um dos velhotes segurava numa das asas. O vime actuava entre eles como a hera nas ruínas. Enquanto esses infelizes contemplavam as cinzas dos seus lares, as acompanhantes reuniam pela última vez os farrapos humanos que lhes tinham sido confiados por pais que tinham ficado nas regiões invadidas.

— Marie-Anne!... Juliette!... Fernand!... Onde se voltou a enfiar o Adolphe?...

Quando finalmente foram todos reunidos, o espezi-nhar das sombras parou sob o candeeiro a petróleo que iluminava com uma luz fraca a sala de espera comum a todas as classes. Desta vez, não estavam misturadas. Poder-se-ia pensar que as senhoras da terra, reunidas à distância, esperavam o primeiro toque do sino, que anunciava a abertura do mercado, em vez do convite do presidente da Câmara, o doutor Chazey, para que fizessem a sua escolha.

O doutor Chazey, de quem toda a gente gostava devido ao seu comedimento e aos seus modos afáveis, era um velhinho baixo, alerta e friorento, que, quando conversava, retirava amiúde o seu lornhão para o rodar no seu indicador. Quando acabava de enrolar o fio, desenrolava-o; depois, voltava a pôr o lornhão no nariz

e as lentes iluminavam-se de novo perante o cintilar dos seus olhos vivos. Outro traço característico: o colarinho do casaco, comprido no Inverno ou curto no Verão, ficava constantemente levantado, pelo menos de um lado, para o proteger das correntes de ar. O doutor Chazey tinha a ajudá-lo, nesse dia, os funcionários da estação e o guarda-florestal, o velho Froidure, uma relíquia de 1870⁽¹⁾, com o quépi na orelha, o imperialismo e a marcialidade indefectível que conferia, naqueles idos tempos, o exercício do tambor.

Gritou, com a voz entrecortada: «Silêncio!...» E o doutor Chazey, voltado para as suas administradas, disse-lhes: «Agradeço-lhes, minhas senhoras, por me facilitarem a tarefa ao fornecerem hospitalidade a estes náufragos. O município irá providenciar-lhes alojamento, depois de as senhoras... se sobrar algum... e, conhecendo os vossos corações, tenho a certeza de que não irá sobrar nenhum. Além disso, a vossa escolha não precisa de ser definitiva. Se for preciso fazer alterações, será sempre possível fazê-las».

Contacto estabelecido, como na celebração do São João, entre conforto e infortúnio. Misturaram-se os dois lados e as gentis senhoras, guiadas pelo instinto ou pelo acaso, conheceram os candidatos. O murmúrio aumentou, passando a um rumor. O velho Froidure, com o olho direito meio fechado porque o quépi

(¹) Da Guerra Franco-Prussiana. A personagem Froidure participou nela enquanto tamboreiro. Era comum que quem prestasse serviços valerosos ficasse ao serviço do Estado como funcionário público. (N. T.)

descaíra, andava para cá e para lá, dizendo com bonomia: «Não sejamos apressados, haverá que chegue para todos.» E as combinações continuavam calmamente, sob o olhar do presidente da Câmara e do chefe de estação, que conversavam à volta da salamandra central que, felizmente, estava apagada, uma vez que o pequeno rebanho, a partir do momento em que se tinha reunido, emanava calor e cheiro a lã.

Há dois anos que a Sr.^a Chévremont e a Sr.^a Boussuge, zangadas, não se falavam. Estando cada qual em seu canto, não tinham combinado comportar-se da mesma forma, mas foi o que fizeram. Ambas apenas cederam ao charme e ao prestígio que, à luz de uma pequena chama, esses pobres rostos pálidos pudessem conservar, depois de devastados pelo cansaço e pela preocupação. Os olhos fizeram o seu trabalho, como nos quadros de Eugène Carrière, em que tudo lhes está sujeito⁽²⁾. Palmyre Boussuge dirigiu-se de imediato aos olhos pretos e brilhantes de um homenzinho de uns dez anos, enquanto Agathe Chévremont foi irresistivelmente atraída pelas lagoas azuis de uma garotinha pouco mais nova. O primeiro, vestido de forma ridícula, com uma camisola demasiado comprida e um boné de ciclista demasiado largo, de pé num canto, apertava entre as pernas um saco grande de lona acastanhada onde se podia ler a seguinte inscrição: *Julien Damoy. Café em grão.*

(²) Eugène Carrière (1849-1906), pintor, escultor e litógrafo francês. Os seus quadros são característicos por representarem figuras envoltas em névoa e com tonalidades predominantemente cinzentas. (N. T.)

Parecia que dois desses grãos tinham saltado para debaixo das suas pálpebras.

— Como te chamas? — perguntou a Sr.^a Boussuge.

— Fernand Servais — respondeu o garoto.

— Estás sozinho?

— Sim, minha senhora.

— Os teus pais?

— O papá foi mobilizado. A mamã ficou lá na terra com a minha irmãzinha, que veio ao mundo no mês passado.

— Então, não tens ninguém contigo?

— Tenho... uma das nossas vizinhas, a Sr.^a Louvois, que veio com os seus três filhos. Fui-lhe confiado pela mamã.

«Não vale a pena procurar mais» — pensou Palmyre Boussuge —, «não vou encontrar melhor.»

E pediu para lhe indicarem a Sr.^a Louvois, para lhe dizer que ia levar a criança.

Entretanto, Agathe Chévremont aproximava-se da menina do olhar magnético. Estava sentada à parte, em cima da sua trouxa, a aguardar placidamente que o seu destino fosse traçado. Tinha posto o capuz da capa para trás e pendiam-lhe dos ombros, debaixo do lenço aos quadrados que tinha na cabeça, duas tranças finas em rabicho.

— Como te chamas? — perguntou a Sr.^a Chévremont.

— Marie-Anne.

— Qual é o teu apelido?

— Grimodet.

— Estás sozinha?

— Sim, minha senhora.

— Os teus pais?

— O papá foi mobilizado. A mamã morreu no ano passado.

— Não tens ninguém contigo?

— Tenho... a Sr.^a Louvois, a nossa vizinha.

— Onde está ela?

— Ali... atrás de nós... com os seus três filhos. Está uma senhora a falar com ela.

Era a Sr.^a Boussuge. Estava a responsabilizar-se pelo pequeno Fernand. O doutor Chazey, cada vez que uma adoptante passava à sua frente com a sua parte, insinuava-se suavemente:

— Não se esqueça de me trazer o seu refugiado o mais rapidamente possível, para que possa fazer a ficha médica.

— A ficha, claro... — murmurou a Sr.^a Chévremont e, chegada a sua vez, abordou a Sr.^a Louvois, uma mulher alta, seca e morena, com uma criança ao colo e outras duas aos pés, e que parecia um pastor a controlar o seu rebanho espojado.

— É a senhora que toma conta desta criança... Marie-Anne... Giraud... Girodet?...

— Grimodet — corrigiu o grande pastor de saias. — Sim, sou eu. O pai dela, que é viúvo, deixou-a à minha guarda quando partiu. Ela é um doce e muito complacente. Ajudava-me em casa... onde não faltava trabalho.

Deu uma olhadela na direcção da criança, ainda imóvel em cima da bagagem, a quatro passos de distância, e acrescentou:

— Não deve julgá-la pela aparência, está a cair de sono... e de tudo... É uma criança bastante alegre, ninguém diria isso ao vê-la... Tem direito a estar triste, aflita como está. Pode-se dizer que não tem sorte...

«Porque é que ela me está a fazer propaganda» — cismava a Sr.^a Chévremont —, «não estou a regatear.» E, em voz alta, retomou:

— Sim... já meio órfã, e ver o pai deixá-la... De facto, por agora parece precisar de repouso, antes de mais nada. Ela vai ficar em nossa casa... Virei vê-la em breve, minha senhora, para mais informações.

— Como quiser, minha senhora.

Com a acompanhante a seguiu-la com o olhar, Agathe Chévremont virou-se para a menina, que parecia ter adormecido em cima da trouxa.

— Vá, Marie-Anne, vem. Espera-te uma boa cama, e alguma coisa de comer, se tiveres fome... Tens fome?

— Não muita.

— Eu levo os teus pertences... É pertinho daqui. Depressa estaremos em casa.

A garotinha levantou-se e andou uns passos ao lado da Sr.^a Chévremont, que se apercebeu então de que a criança saltitava com um pé ao andar.

— Magoaste-te?

— Oh! Não — respondeu Marie-Anne.

— Mas estás a coxear...

— Isso não é de agora — continuou suavemente a pequena, que já não se preocupava com factos irreversíveis.

— É desde quando?

— Não sei... Iam operar-me, acho eu, quando a mamã ficou doente do peito... Então, como o papá não podia perder nenhum dia para me levar a Saint-Quentin, onde há bons cirurgiões...

— Então é grave o teu... a tua... esta...

— A minha deficiência? Não. O médico da nossa terra disse que eu ficaria curada quando quisessem... desde que não demorasse muito, claro.

— Que idade tens?

— Nove anos.

— O teu pai trabalha no quê?

— É padeiro.

— E ele nunca arranjou tempo para te levar a fazer os tratamentos de que precisas?

— Mas eu não estou doente! — exclamou a garotinha, e saltou mais alto, para ela própria acreditar, mais do que fazer acreditar a senhora. — Um pé é boto, mas como tenho outro, não me impede de beber, comer e correr. Quando a mamã começou a morrer muito devagar, tive mesmo de ser útil em casa, e na casa da Sr.^a Louvois também. Pergunte-lhe o que sei fazer.

A Sr.^a Chévremont pensou que deveria abrandar o passo, depois de ter descoberto que desconforto, para não dizer outra coisa, a sua pequena hóspede tinha, mas como a criança continuou a protestar contra todos os cuidados com saltos ainda mais altos, a mulher do veterinário estugou o passo.

O seu marido esperava-a com uma impaciência nada estranha a qualquer curiosidade. Observou a criança que lhe tinha calhado na lotaria e não atribuiu nenhuma importância ao claudicar, que associou ao cansaço.

— Então, és tu a *nossa* refugiada? — disse prontamente.

Agathe respondeu em vez da pequena:

— Pois claro! Já que querias uma rapariga...

Ligeiramente decepcionada com a sua escolha, tinha a habilidade feminina de o responsabilizar também.

Porém, o veterinário continuava a não se aperceber de nada.

— Claro, eu quis uma rapariga — retomou ele. — E não me arrependo, pois esta é amorosa e não nos vai dar problemas. Não é, minha querida?...

Com as suas mãos fortes e peludas, levantara o queixo que Marie-Anne tinha para baixo, e o rosto infantil ganhou um pouco de cor perante o sopro de calor que vinha desse cordial acolhimento.

Agathe quebrou novamente o encanto.

— Sabes, os Boussuge têm um rapaz...

— Ah!... — disse Chévremont, sem dissimular a sua contrariedade. — Já nada nos deve surpreender.

Aliás, ele teria dito, mas noutro tom, exactamente a mesma coisa, caso os Boussuge se tivessem esquivado ao seu dever de assistência.

— Na verdade, a pequena deve conhecê-lo — acrescentou Agathe. — Eles foram entregues à mesma pessoa... uma senhora Louvois com quem conversei um pouco na estação.

Chamada a intervir e já tranquila, Marie-Anne explicou:

— É o pequeno Fernand, o filho do pedreiro que mora à nossa frente. Brincávamos juntos.

Analisava o casal, com os seus olhos azuis límpidos, sem conseguir compreender porque é que o nome de Fernand, atirado para a conversa, os tinha subitamente arrefecido.

— Queres molhar uma bolacha em vinho antes de ires dormir? — perguntou Agathe.

— Obrigada, minha senhora.

— Obrigada, sim, ou obrigada, não? — insistiu o veterinário.

— Não tenho fome, senhor, comi no caminho.

— Ela precisa mais de dormir do que de outra coisa — determinou a Sr.^a Chévremont. — A Rose vai mostrar-te o teu quarto. Boa noite, Marie-Anne.

— É como te chamas, Marie-Anne? — disse Chévremont, que lhe ouvia o nome pela primeira vez.

— Sim, senhor.

— É um nome demasiado comprido e sério para a tua idade. Vamos chamar-te Nanette... Importas-te com isso?...

O sopro de calor voltou para as bochechas da garotinha.

— Oh! Senhor...

— Então, boa noite, Nanette. Até amanhã.

A noite desse mesmo dia terminava de igual forma na casa dos Boussuge, que tinham acolhido o pequeno Fernand.

Ao sair da estação, ele tinha sido aliviado do seu saco... *Julien Damoy, Café em grão...* por uma empregada viril que dava pelo nome de Zénaïde e vinha ao encontro da sua patroa a resmungar. Parecia

um cavaleiro árabe desmontado, um beduíno. Um tecido branco envolvia-lhe o rosto, só se lhe vendo o nariz.

— Disse-lhe que não apanhasse ar, com essa inflamação — disse Palmyre Boussuge, provocando apenas um grunhido por baixo do albornoz.

Fernand teve medo da guerreira. Ele minguava ainda mais ao seu lado, na maturidade da idade e nos ombros de quem os fardos mais pesados se tornavam leves. Parecia que nela os dois sexos tinham chegado a acordo. A sua infância e mocidade tinham pertencido ao sexo feminino, mas, a partir dos quarenta, todos os atributos do sexo mais forte, inclusive a barba no queixo, tinham-lhe sido conferidos. Fernand já chegava tarde. Depressa se sentiu observado. Para além disso, o pseudofuncionário de mudanças, agarrando no saco como se fosse uma colcha, trocara algumas palavras com a Sr.^a Boussuge, ao mesmo tempo que estugava o passo, pois o frio mordida e as ruas desertas de Bourg só recebiam um pouco da luz vinda das janelas iluminadas aqui e ali, a uma hora em que, habitualmente, toda a gente estava a dormir.

— Então, encontrou o que queria — disse a velha sarracena encapuzada.

— Sim, este homenzinho, que tem um ar gentil...

— As aparências iludem.

— Pois claro.

— É só pele e osso.

— Ele não nasceu num berço de ouro. É filho de um pedreiro dos arredores de Soissons.

— Ainda tem mãe?

— Sim... e uma irmãzinha recém-nascida... Não sei mais nada. Ele terá tempo para nos contar a sua história.

— E de a embelezar. Quem vem de longe mente melhor.

— Mas que disparate, Zénaïde! Porque é que a criança não haveria de dizer a verdade?

— Hoje em dia não há muitos petizes que não sejam má rês.

— Vê-se mesmo que não teve filhos.

— Deus me livre! A minha velhice está garantida.

A impressão que o carrejão rabugento tinha produzido no pequeno Fernand foi, felizmente, apagada pela amenidade do Sr. Boussuge.

Disse à criança para entrar na sala de jantar, conduziu-a para debaixo do abajur creme do lustre e interrogou-a afectuosamente.

— Estás muito cansado?

— Não.

— De onde vens?

— De Paris.

— Quero dizer, de que zona?

— De Soissons... mas morávamos nos arredores.

— Bom. De certeza que tem os pés gelados! Não vai levá-lo para a cama sem lhe ter dado a beber alguma coisa quente...

Atrás dele, Zénaïde, ainda mal-humorada, murmurou desrespeitosamente: «Acha mesmo que já não tínhamos pensado nisso?» E pôs em cima da mesa uma caneca de leite fumegante que o garoto parecia querer recusar. Mas ela ordenou: «Tens de beber isso muito quente... mesmo que te queimes.»

Era ainda mais assustadora sem o casaco. A sua fita ao queixo, atada ao contrário, fazia chifres e revelava, juntamente com o nariz, uns grandes olhos de porcelana num rosto empurpurado.

A criança teve de obedecer, vendo que nem «o senhor» nem a «senhora» a ajudavam. Engolir a bebida em pequenos goles não a impedia de ouvir o que os seus anfitriões diziam.

— Nem vais acreditar em quem encontrei na estação — dizia a Sr.^a Boussuge. — Não tentes adivinhar, aqui vai: a Agathe!

— Com o Chévremont?

— Não, sozinha.

— O que lhe calhou na rifa?

— Não sei. Fui a primeira a sair.

— Então, ela viu que também temos o *nosso* refugiado. Com que cara ficou?

Nesse instante, o pequeno Fernand, tendo por fim esvaziado a caneca, devolveu-a a Zénaïde.

— Não se diz obrigado?

Ele percebeu a lição e disse:

— Obrigado, minha senhora.

— Senhora é demasiado. Limita-te a dizer: obrigado, Zénaïde.

— Obrigado, Zénaïde.

Ao aproximar-se do «senhor» para procurar protecção junto dele em relação à ralhadora, passou em frente desta.

— Pedese desculpa quando se passa à frente das pessoas — insistiu ela.

— Peço desculpa, minh..., peço desculpa, Zénaïde.

— Vai ser preciso ensinar-lhe tudo — prosseguiu a empregada, não sendo por acaso que tinha a alcunha, na região, de A Difícil.

— O que quer? Está a intimidá-lo — disse o Sr. Boussuge, colocando o pequeno refugiado no seu colo. — Queres mais um pouco de leite?

— Não.

Zénaïde voltou a pôr ordem nas suas maneiras descorteses:

— Diz-se: Não, senhor.

— Não, senhor — repetiu a criança, subjugada.

— A propósito, como te chamas?

A esta questão do «senhor» a criança respondeu:

— Chamo-me Fernand... mas, em casa, chamavam-me Nanand.

— Perfeito! — exclamou o Sr. Boussuge. — Que seja Nanand! Não iremos mudar um hábito adquirido. A cama deste jovem está pronta?

— Sim, no quarto do Justin, ao pé de nós — disse Palmyre. — A Zénaïde aqueceu-lhe a cama... e há um saco de água quente aos pés, como fazíamos com o nosso Justin, quando lá estava.

Essa declaração não agradou em nada à empregada, que esperava a criança, com um castiçal na mão, para a acompanhar. Empurrou-a à sua frente a resmungar para com os seus botões, na escada: «É claro que aqueci a cama dele... Mas daí a dizer que é a mesma coisa, não! O Menino Justin era o filho da casa... Não se pode misturar...».

E a criança ficou ingenuamente surpreendida por encontrar tanta familiaridade numa pessoa que exigia dela, da sua linguagem, tanta correcção.